

467  
C

1 DECE/2001

"DO YOU REMEMBER ME?" OU "SEM PECADO"

Personagens

Homem - Éron

Mulher de Vermelho- Ororo

O menino- Destino

O Mensageiro

O Mestre

O Discípulo

A Mãe

A Mulher de Preto

A Mulher de Rosa

A Parteira

Feto 1, 2 e 3.

Coro dos apaixonados- Anim

Evô

Infai

Ôdo

Ucá

Coro da proteção- Guardal

Guarda 2

Guarda 3

Texto de Hermes Luís Mancilha



Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

(Handwritten initials)

"DO YOU REMEMBER ME ?" ou "SEM PECADO"

Toca sineta.

Cena 1- O Mensageiro.

A sineta toca estridente, surge um mensageiro pela direita do palco, traz um lampião na mão e parece cansado e sonolento, veste uma camisola de dormir e usa uma toca, sua roupa é de um vermelho velho, desbotado, usa nos pés umas pantufas escuras, deve ter uns cinquenta anos mais ou menos.

Mensageiro- Essa tem como objetivo lembrá-los

Que os olhos são para ver e não olhar

Que os ouvidos são para ouvir e não escutar

Que o coração dito pelos românticos poetas

Local onde repousa o amor

É o órgão que bombeia o sangue para o corpo

Que o bocejo é sinal de falta de oxigênio no cérebro

Local onde são codificadas e decodificadas

Todas as informações recebidas

Não pelos cinco sentidos apenas

Mas pelos sete

Portanto, estejam alerta

E nunca boca aberta.

Sai de cena mas antes apaga o lampião.

Música- Flauta

Cena 2- A Caravela.

Nesta cena, descerá o pano que será esticado no chão pelos atores, enquanto isso, toca a flauta a música tema- O Destino. Depois de esticarem o pano no chão, que será preto, os atores formam uma caravela com o corpo e a caravela navega ao som da flauta. Final da cena é o final da música, a luz desce até o black out.

Música- Som de trovoadas, depois a flauta. Abre luz no foco 1.

Cena 3- A criação.

Foco 1- A mãe que faz tricô nisto sente o filho dentro de si, acaricia a barriga e sente que engordou muito, fica a percorrer o corpo

030

com as mãos, mas diminui o movimento. Luz baixa em resistência um pouco.

Foco 2- No foco dois estão encolhidos, fechados, três criaturas em posição fetal, ao som do tambor que marca a pulsação do coração, as três criaturas começam a se movimentar, sair da posição fetal até a posição de engatinhar. Quando chegarem lá, luz baixa até o B.O.

Foco 3- A luz abre sobre um Homem e uma Mulher que se aproximam sorridentes, até ficarem cara a cara. Quando chegarem no cara a cara, B.O.

Foco 1- A mãe continua a sua exploração pelo seu corpo. Depois volta a tricotar, mas o filho continua a se mexer, e a mãe a tricotar, agora bem devagar. Sempre que voltar o foco 1 entra a flauta.

Foco2- As três criaturas que engatinham tentam se levantar e conseguem com muito esforço semanter em equilíbrio. Sempre o tambor acompanhará o foco 2. B.O.

Foco 3- O homem e a Mulher tornam a fazer a aproximação, sorridentes no início e sérios no cara a cara. Bo. O Violoncello sempre acompanha rá este foco 3-

Foco 1- A mãe volta a tricotar normalmente e a flauta volta a tocar, a criança que esta no útero materno chuta, a mãe para, sacudindo a cabeça num "não é possível, ele não para", que entra num segundo momento bem devagar.

Foco 2- Volta a tocar o tambor, as criaturas que estavam se erguendo, conseguem a posição ereta e dão o primeiro passo. B.O.

Foco 3- O Homem e a Mulher se aproximam ao som do Cello e ao chegarem no cara a cara viram de costas um para o outro e se afastam. B.O.

Foco 1- A mãe volta a tricotar, a flauta toca. A mãe estatiza e a flauta para. Toca sineta.

Cena 4- O passeio do mestre. O Mestre entra em cena pelo foco três onde estão o homem e a mulher separados. A sineta toca. Olha-os estatiza dos. Entra no foco 2, olha para as três criaturas que darão o primeiro passo. Toca a sineta, o mestre entra no foco 1, olha para a mãe estatizada, sorri e se coloca fora do pano preto do chão, junto a sua oferenda e diz:

Mestre- Estejam alerta de vigia a cada momento . O sentir é tão impor tante quanto o ver e o ouvir.  
Música- Trovoadas, vento.

Cena 5- Parto na Tempestade.

Luz abre em resistência, vento em cena, tudo se agita. Entram pela porta do fundo a Mãe e Parteira de Azul. A mãe traz uma sombrinha branca e a parteira uma cesta de vime. A mãe veste-se de branco. Trovoadas e muito vento. Após escolher o local a mãe o indica para a parteira que estende um lençol, depois a parteira recebe da mãe a sombrinha e a coloca no chão, enquanto a mãe se coloca encima do lençol, tenta sentar-se e é ajudada pela parteira. Depois a parteira começa a tirar de dentro da cesta panos, panos, toalhas, e por último a tesoura. A mãe entra em trabalho de parto, agita-se, contorce o dorso, levanta cabeça. A penumbra é grande e o temporal aumenta, agita-se o palco inteiro. A parteira se prepara para aparar a criança, a mãe faz força. A criança nasce, enquanto ela nasce ouve-se:

VOZ EM OFF- Estou com medo, medo, medo, medo.

A criança é aparada pela parteira que lhe cobre e corta-lhe o umbigo, limpa-a e torna a enrolá-la por fim entrega a mãe. A criança abre os olhos e ilumina a mãe, esta sorri, embala a criança. A criança fecha os olhos e a mãe embala devagar após um tempo, nervosa entrega criança a parteira, que recebe a criança e dá uns tapinhas, a criança novamente abre os olhos e é entregue a mãe, que sorri contente. A parteira arruma suas coisas na cesta e sai. Antes de sair de cena olha para a mãe, a mãe sorri agradecida. A parteira sai de cena. A tempestade parou. A mãe olha a criança, esta fecha os olhos e a mãe então embala para despertá-la, esta não desperta. A mãe embala nervosa, sacode a criança. Esta não abre os olhos, não tem reação. A mãe se desespera e larga a criança no lençol com medo, por fim, triste abraça a criança, que com seu calor, abre os olhos. A mãe chora e ri, entram em cena os três guardas, que se colocam a jogar. Mosquitos. A mãe recolhe o filho e o lençol e sai de cena. Os mosquitos castigam os guardas, que iniciam a jogar, dois deles apenas, o outro vigia.

Cena 5- Entrada do menino.

A luz aumenta um pouco. Os guardas jogam. Os mosquitos castigam. O guarda que vigia com certo enfado tem uma idéia para afastar os mosquitos, o sono, fumar maconha. Convida os dois que jogam com um sinal.

Depois do sinal do guarda 3.

Guarda 2- Hiroshima?

Guarda 1- Que nada. Nagasaki!

Guarda 1 e 2 riem, mas voltam a jogar. O guarda 3 acende o cigarro e fuma longamente, passa para o guarda 2 que repete o gesto e passa para o guarda 1. Este fuma e no meio da tragada ouve um barulho de fora, passa o cigarro ao guarda 2, pega a sua lanterna e ilumina, não vê ninguém. O guarda 3 com o cigarro na mão fuma. O guarda 2 sem perceber o barulho ouvido pelo guarda 1, convida-o para continuar o jogo. Voltam a jogar. O Guarda 3 passa novamente o cigarro. O Guarda 2 fuma e passa ao três que quando vai fumar ouve novamente o barulho, desta vez o guarda dois também ouve, recebe o cigarro do 1 e passa ao 3. Os guardas 1 e 2 ligam suas lanternas. O guarda 3 apaga o cigarro e acompanha os dois. O barulho externo aumenta.

Guarda 1- Quem vem lá que se anuncie.

Guarda 2- (Depois de um tempo.) Alto lá!

Não há resposta.

Guarda 3- Somos três e podemos matá-lo.

Clima de apreensão, expectativa. Os barulhos aumentam com o tambor. Surge em cena um menino. Os guardas o iluminam. O menino cruza a cena com o som da flauta que toca um pedaço da música tema.

Depois da saída do menino de cena.

Guarda 1- É apenas um menino.

Guarda 2- (rí acompanhado do guarda 3.)- Paranóico, fica de vigia.

Guarda 3- Acho bom. E nós jogamos.

Guarda 2 e 3 iniciam o jogo. O guarda 1 vigia. Começa a tocar a sineta, entram de cena a direita do palco quatro mulheres. A primeira é a mãe grávida, a segunda é a parteira e traz a cesta, depois puxando um fio amarelo está uma mulher de cor de rosa e por fim, uma mulher de preto que traz uma tesoura entreaberta, enquanto as mulheres cruzam a cena em diagonal, toca a sineta e os guardas se retiram de cena, espantados. As mulheres lentamente fazem a sua caminhada, depois que saíram de cena, a direita, digo esquerda do palco fala o Mestre junto a sua oferenda:

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Cena 6- O Mestre e o discípulo.

Entra o discípulo.

Mestre espera sentado, pacientemente.

Discípulo- Desculpe Mestre o atraso.

Mestre- O importante é que tenhas vindo. Sente-se.

Discípulo- Obrigado Mestre.

Mestre- Tenho um presente para ti. (Oferece-lhe uma caixa.)

Discípulo recebe a caixa intrigado.- Tenta abrí-la, não consegue.

Discípulo- Mas esta fechada.

Mestre- Tudo no seu tempo. Dentro da sua coerência. Como o Destino.

Sem pressa. (Luz baixa em resistência e invade o palco uma geral branca. Risos.)

VOZ EM OFF- Você é um sonhador de amor.

Entra em cena correndo a mulher de vermelho, seguida do Homem.

Cena 8- Os pés pretos.

Ela- Você me ama.

Ele- Claro que amo. E você me ama?

Ela- Tão claro como nossos pés escuros?

Ele- Você não respondeu, ama?

Ela- será preciso dizer que te amo?

Ele- Você me ama tão claro como seus, nossos pés sujos?

Ela- Tão claro como nossos pés sujos.

Ele- Mas não é um sujo amor.

Ela- Mas eu te amo.

Ele- Nossos pés estão sujos?

Ela- Tão sujos quanto eu te amo.

Ele- E se não 'tiverem?

Ela- Mas estão cheios de amor.

Ele- É?

Ela- É. (Música, flauta e Cello.) (Cruza ao fundo a Mulher de Rosa)

Ele e Ela- Nós nos amamos tão claro quanto nossos pés sujos.

B.O.

Cena 9- O Coro entra com uma cadeira e uma mesa com toalha branca.

Coloca tudo em cena e se distribui pelo palco.

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 335  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

## Cena 9- Ritual I.

O coro esta colocado em cena. Entram a Mulher seguida do Homem. A Mulher traz uma bacia branca e uma toalha. O homem vem cansado, lava suas mãos na água da bacia e senta-se. A mulher sai de cena com a bacia e a toalha. Pequeno tempo, volta a mulher com uma bandeja e dentro desta, uma garrafa, um copo com uma colher e um pote; larga tudo sobre a mesa, sorri para o homem e sai de cena, levando as suas "partes". Ficam em cena o homem que se serve da garrafa e do pote e as suas partes. Depois de servido, o Homem olha a coloração da bebida, cheira e por fim bebe em dois goles. Larga copo sobre a mesa e se espreguiça, olha para a platéia. B.O.

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

## Cena 10- Xadrez I.

O Coro dos apaixonados em cena ao fundo do palco. O deslocamento a seguir será feito em cima de um tabuleiro imaginário e o coro fará movimentos do xadrez.

Ucá- A sabedoria se aprende nos livros? Pensei que fosse na vida.

Ôdo- Se eu forçar muito ele quebra

Infai- Todas as noites era sempre a mesma coisa: escovava os dentes, fumava o maldito cigarro e nem me desejava boa-noite.

Evó- Não sobrou nada, nem uma foto. Só Imagens.

## Cena 11- Passeio I-

A Mulher de vermelho entra em cena com a bacia branca e a toalha, seguida pelas suas partes. A mulher esta desgostosa, seu caminhar é um tanto cansado do cotidiano, dos Rituais do Homem. Ela entra e sai de cena obedecendo uma diagonal. Quando volta sua expressão é de enfado, no que é acompanhada pelas partes. A música acompanha a cena toda e é feita pela flauta. Retorna a Mulher de Vermelho e as partes, agora ela traz a bandeja, com a garrafa, copo e colher e o pote, atravessa a cena novamente na diagonal, sempre seguida pelas partes e pela flauta. Depois de um tempo volta sem a bandeja e as partes a acompanham no mesmo clima da Mulher, enfado. Saem de cena, anoitece, entra o Homem bebado.

## Cena 12- Assalto.

O Homem entra bêbado e cambaleia pela cena, encontra uma árvore e

mija, caminha uns passo e encontra um banco onde custosamente senta-se, depois de um tempo deita-se. Entram os três guardas, com lanternas ligadas, e procuram alguma coisa, por fim encontram o Homem deitado no banco. Acordam-no, revistam-no e por fim tiram o seu coração e levam com eles. O Homem não reage quando os guardas saem, o Homem olha incrédulo e se retira de cena. A luz volta para branca e a flauta toca.

Cena 13- Passeio II.

A Mulher de vermelho e as "partes" entram em cena, desta vez a Mulher traz um aquário com um peixe vermelho, atravessa a cena em diagonal seguida pelas suas "partes". A mulher esta cansada, sai de cena com as "partes". A flauta toca. Breve tempo, a mulher volta com as partes e o aquário com o peixe. Saem de cena e logo retorna, com aquário, partes e peixe, cruza a cena em diagonal e sai de cena. Breve tempo. Voltam a Mulher de Vermelho, as suas "partes" e a Mulher de Preto com a tesoura aberta. O Aquário esta vazio e sem o peixe e é trazido pela mulher de Vermelho. Saem todas de cena, a luz muda, fica apenas um foco branco central. Entra as partes do Homem e da Mulher com a persiana e as almofadas e o vidro de bolachas.

Cena 14- Dois na cama.

Sentados estão Homem e Mulher. Ele joga vídeo game ela faz tricô e come bolachas.

Ele- Trabalhei tanto.

Ela- A Carla me ensinou um ponto novo.

Ele- Faz uma massagem, trabalhei tanto.

Ela- Ah! Eu não, estou ocupada.

Ele- Fazendo tricô.

Ela- É pra ti, um pulôver.

Ele- Desculpa... mas que sa dáde das massagens.

Ela- O encanador vem amanhã, deixa dinheiro.

Ele- Pede pra ele fazer um serviço decente.

Ela- Estava insuportável o super, 'tava hiper cheio.

Ele- Viu os peixes, estão morrendo.

Ela- Deu comida prá eles?

Ele- Não.

Ela- Porque não?

Ele- Porque é sempre tu quedá.

Ela- Não, eu sempre pensei que fosse tu.

Ele- Até os peixes estão envolvidos, coitados. É porisso que o nosso casamento vai mal. (Sai de cena.)

Ela- Eu tenho mil problemas e ainda....

Ele- voltando depois de um tempo.- Pronto, qual era a desculpa?

Ela- Eu tenho mil problemas e ainda tem os benditos dos peixes. Por favor, eles são seus, pelo menos isso.

Ele- O que é dar um poço de comida para os coitados?

Ela- Eu sempre pensei....

Ele- Sempre pensou, é por isso que o nosso casamento vai mal.

Ela- Tu não me ajuda em nada, pensa que é fácil cuidar de uma casa, tenho mil problemas....

Ele- Eu tenho mil e um problemas. Além dos peixes tem o problemas do nosso casamento.

Ela- Não quero conversar, estou com sono.

Ele- É por isso que o nosso casamento vai mal.

Ela- É, é por isso.

As "partes" do Homem e da Mulher fecham a persiana, luz fecha em resistência até o B.O.

Cenário- A Procura.

Entram em cena vindos do fundo do palco os três guardas com as suas lanternas ligadas.

Guarda 1- Procura-se um assassino.

Guarda 2- Um comunista para ser bem exato.

Guarda 3- Egocêntrico.

Guarda 1- Um homossexual.

Guarda 3- Um enjeitado machista

Guarda 2- Que quando bebe perde o juízo.

Guarda 1- Mede um metro e setenta e quatro

Guarda 2- Deve pesar mais ou menos setenta e um quilos.

Guarda 3- É negro para uns...

Guarda 2- Branco...



Guarda 3- Louro para outros.

Guarda 1, 2 e 3- Altamente perigoso.

Soldado 2- Quem o encontrar não tente conversar.

Soldado 1 e 3- Mate-o, será bem gratificado.

Soldado 2- Um comunista para ser bem exato.

Soldado 1- Procura-se um assassino.

Soldado 3- Um enfeitado machista.

Soldado 1, 2 e 3- Que quando bebe perde o juízo.

Luz abre sobre uma escada, atrás dos guardas que estão deitados no chão.

Cena 17- A escada.

Encima da escada esta o menino, e embaixo segurando a escada estão a mãe grávida e a parteira.

Menino- Quando se quer falar, gritar, entrar na inconsciência, tudo se torna mais difícil, pois a porta é estreita e se você esquecer de tomar a sua propolina talvez venha a bailar feito peixe no aquário, pensando ser destemido. Não existe nada, existe tudo. (Começa a tempestade no palco, trovoadas, muito vento.) Aqui dentro é tão quente, mas o espaço é tão pequeno. O aquário esta furado, estou molhado, estou sozinho, estou saindo. Estou com medo, medo, medo, medo. (entra em cena bem perto da boca de cena a Mulher de Preto com a tesoura, olha para a escada, para a tesoura e para a platéia, se desloca pelo palco até sair deste, muito devagar. Quando saiu entra o tambor pulsando como um coração. Surge luz branca no palco e o coro dos apaixonados entra para incensar, eles cantam:

Coro- Eró, i eró, eró, eró.

Depois de tudo incensado, o Uca sai de cena com o incensório, o tambor continua, o coro para de cantar, entram o Homem e os três guardas.

Cena 18- Carro do sol.

Homem- O que eu tenho feito é certo pra mim, esta na minha medida.

O que tenho feito é um erro, é um medo, mas é tudo o que eu realmente quero fazer; pois as oportunidades surgem e o tempo é propício. Não, não espero por um outro tempo; estou no agora e sou o rei da minha montanha.

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fones: 226.0242 - CEP 90020-025

Olhando em volta encontro seus olhos e eles me dizem:

- Cuidado, cuidado. Mas cuidado de que? Porque?

Porque não posso atravessar o sinal fechado? Afinal cada um tem direitos, não é assim? Então me deixa atravessar o sinal fechado, me deixa bater com a cara no táxi lunar, pois talvez assim, eu aprenda a viver, a não atravessar o sinal em outro lugar. Me deixa tentar para acertar. Para entender.

(A flauta toca um trecho da música tema.)

Menino- Existirão os caras que irão querer pasteurizar a minha loucura. Pobres coitados. A minha loucura não esta para ser pasteurizada, comercializada. Ela esta para ser sentida, a cada momento. Ela esta muito na minha cabeça e não é qualquer coisa que me faz a cabeça, quem deixa louco. Apenas voar, subir para o alto de minha montanha e ver o sol desaparecer no horizonte. E aqui, encima da minha montanha é tão fácil ficar louco, ver navios, naves, cores, partos, flores. Enormes vitórias-régias bailam no ar. Como é lindo, ver os seus pensamentos voando em formato de pombas alvíssimas que unidas formam nuvens, fazendo piruetas no ar. São pombas saídas dos seus cabelos, são pombas dos seus pensamentos. Bah! Mas vocês não entendem nada, ninguém entende nada da minha loucura, só eu, que sou tão criança e sei brincar, vocês, vocês são tão adultos e não sabem brincar.

(A luz desce em resistência sobre o palco.)

Cena 19- O Mestre.

Discípulo- Mestre não consigo abrir.

Mestre- É preciso esperar a hora certa. Tudo tem sua hora, espero que quando conseguires abrir saiba usar com sabedoria o que encontrares. Tudo tem seu tempo, assim é, o Destino.

Discípulo- Mestre mas o que é o Destino?

Mestre- O Destino é cego, muitos já tentaram destruí-lo mas é impossível. Ele é como um rio que desce em correnteza, em coerência e cuja corrente é impossível deter. Quando este rio cai entra em incoerência e todos os seus pingos e respingos formam um momento de arte, de luz e cor. Um momento sublime. E ele esta em tu



## Cena 20- Dolores.

Anim- Nos domingos se nos vimos nos sábados, tudo fica mais fácil.

O fim de noite, a música rouca no rádio e aquele vazio, a espera de alguma coisa, de algo invisível mas sentível, quase palpável de hálito e sabor de fim de domingo, de churrasco, de cerveja, ora veja a peça no teatro e cometa qualquer loucura, diz você pelo telefone quando tenho coragem de ligar, parece sorrir, parece chorar. Talvez sinta que existe alguém no fim de domingo, vazio ou tão cheio, louco para explodir, para amar, bem louco, bem vivo, tão claro como nossos pés sujos.

Ôdo- É por isso que o nosso casamento foi mal, mas ainda bem que passou, passou e ainda sinto a inocência, humildade. Abro a janela e grito: eu amo você. Mas não é um grito como o deles, é bem outro. Ainda resta no ar que agora respiro o cheiro seu, resta você. Mas você não entende nada, ninguém entende nada. Não, não choro; resta a lembrança do som. O vento ecoa seu nome. Mensagem, paisagem. Miragem? Não, você. Seria bom esquecer você, mas é impossível. Que venha o vento, que leve e que lave. Abro a janela e respiro, eu amo você.

Infai- Sabe estes dias que a gente se entende, se sente molhado e não sabe como se secar? Nostalge não existe, nostálgia sim. Talvez algo nevrálgico, sim no osso, uma dorzinha nojenta, nervosa, do neurônio mais próximo. Sim, choveu o diatodo. Não, eu não tinha guarda-chuva. Todos talvez tenham ficado em suas casas sofrendo, tipo refêns, escrevendo, contando os minutos, criticando algo, arrumando gavetas, relendo cartas. Se trancando no banheiro e sentindo que o tempo está passando. O espelho mostra isso: o rosto, os cabelos, as mãos tremulas. Nostalge não existe mas nostálgia sim. Talvez um ato de contrição, de dúvida, de desespero, medo ante a morte. Porra, nostalge não existe mas nostálgia sim, talvez....

↑ Todos- Não.

Evó- Todos os gritos que eles gritam janela afora, são gritos mudos de suas gargantas roucas. O meu grito é interno e sai pelos olhos, e toma forma no corpo, no meu corpo e ressuscita a minha loucura



e revolve aquele mundo antigo  
Com peixes vermelhos no aquário, de janelas brancas e cortinas esvoaçan-  
tes. Agorasujas e rasgadas, sem vento com o aquário vazio.

Ucá- Mas nunca um sonhador de amor pode continuar, quando seu sonho se  
torna realidade e tudo se vai entre nuvens cinzas e se perde no es-  
paço. Ele acorda sobressaltado, com o peito vazado, um coração caín-  
do pedaços aqui e lá, uma imensa vontade de chorar. Ele reza para  
não sucumbir e busca recordações, forças contra paixões e foge e  
hiberna novamente em si. Chora no vazio da noite. Um sonhador é  
um pássaro a voar, voar no escuro da noite, da imensidão da sua  
alma, curta e simples de um mero sonhador de amor.

(O coro se desloca pela cena nas marcas do Xadrez.)

Cena 21- Xadrez II.

Ucá- A sabedoria não se aprende na vida, se prende na morte.

Ôdo- Eu nem forcei. Não?

Infai- Ele escovou seus lindos dentes, fumou seu gostoso cigarro e me  
desejou boa-noite, pela primeira e última vez.

Evó- Agora só restará a minha imagem.

Anim- Estarei só, mas estarei rindo.

(O coro se reúne no centro do pano e este começa a se fechar. A flauta  
toca a música tema. A luz baixa em resitência- (Vide Cena 22.)

Cena 22- O Mestre.

O Mestre não está em cena, apenas suas roupas. O discípulo consegue  
abrir a caixinha e começa a tocar a música tema. O discípulo se admira  
e olha para o pano fechando com o coro dentro. (Deve ser feita em con-  
junto com final da cena 21.)

Cena 23- A Ceia-

Entram os guardas com uma mesa, colocam-na no centro da cena e saem.  
Entra o coro com a toalha e o incensório, mais o discípulo e um regador.  
Colocam toalha na mesa, regador de um lado, incensório do outro e saem.  
Entram as quatro mulheres (Mãe, Parteira, Mulher de Rosa, Mulher de preto,

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90029-025

A mãe traz balões brancos e amarelos. A parteira traz abacaxis, a Mulher de Rosa traz bananas. A mulher de preto traz maças. Colocam tudo sobre a mesa e saem. Entra o coro, com pipocas, uvas, melancia, pessego, melão. O discípulo traz mamão. Colocam tudo sobre a mesa e saem. Entram os guardas, cada um traz um garrafão de vinho que deposita encima da mesa e saem. Entra a Mulher de Vermelho com uma mala, olha para a mesa meio incrédula, depois olha para a platéia, olha para a mala, olha para a platéia e sai de cena. Entra o Homem, olha a mesa mas não se importa, olha para onde saiu a Mulher e grita:

Homem- Ororo.

Sai de cena correndo.

A Flauta toca a música tema.

Entra pelo fundo o menino, que se aproxima da mesa, inspeciona, pega uma banana, descasca, ergue para a platéia e diz:

Menino- Bem vindos a ceia do senhor.

Black Out Rápido (B.O.R.)

FIM